

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Quem são “Os fortes do futuro”? Repensar a filosofia de Nietzsche a partir de uma matriz aceleracionista

Michael Román Aponte

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16517>

Submetido em: 2026-06-12

Postado em: 2026-06-15 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Quem são “Os fortes do futuro”? Repensar a filosofia de Nietzsche a partir de uma matriz aceleracionista*

Michael Román Aponte**

Resumo: O fragmento póstumo de Friedrich Nietzsche titulado *Os fortes do futuro* constitui um dos dois pilares fundamentais da corrente filosófica chamada aceleracionismo (sendo o outro pilar o “Fragmento sobre as máquinas” de Karl Marx). No entanto, apesar do fragmento póstumo de Nietzsche ser um texto fundamental do aceleracionismo, carece de interpretações aprofundadas dentro desse movimento. Tendo em mente essas circunstâncias, propomo-nos examinar criticamente o conteúdo desse fragmento com o objetivo de oferecer uma interpretação contextualizada que permita extrair de sua leitura uma série de perspectivas que ressaltem sua potencialidade emancipadora.

Palavras-chave: Nietzsche. aceleracionismo. modernidade. emancipação. tempo. vontade de potência.

Who are “The strong of the future”? Rethinking Nietzsche’s philosophy from the accelerationist matrix

Abstract: Nietzsche’s posthumous fragment entitled “The Strong of the Future” constitute one of the two fundamental texts of the philosophical current called accelerationism (being the other text Karl Marx’s “Fragment on Machines”). However, even though Nietzsche’s posthumous fragment is a fundamental text of accelerationism, it lacks elaborated interpretations within this movement. Considering these circumstances, it is proposed to examine critically the content of this fragment with the objective of offering a contextualized interpretation that allows to extract from its lecture a series of perspectives that highlight its emancipatory potential.

* Tradução de Cláudio Lucas Vieira de Melo Galdino (CNPq). Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Correio eletrônico: claudio.lucasfilo@gmail.com.

** Universidade de Porto Rico, Centro Universitário de Mayagüez (UPRM), Mayagüez, Porto Rico. Correio-eletrônico: michael.roman3@upr.edu. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6113-9200>.

Keywords: Nietzsche, accelerationism, modernity, emancipation, time, will to power

1. *Introdução*¹

O termo “aceleracionismo” foi introduzido de maneira crítica por Benjamin Noys (2010, p.1) para designar a tendência filosófica que defende que “a única forma de sair do capitalismo é levá-lo mais longe, seguir suas linhas de fuga ou de desterritorialização até suas últimas consequências, acelerar a produção além de todo limite e, desse modo, romper com os próprios limites do capital”. Trata-se de uma resposta extrema a “força totalitária” de aceleração que caracteriza a estabilidade dinâmica das sociedades modernas “que precisam crescer, acelerar-se e condensar a inovação incessantemente para manter, segundo seja o caso, sua estrutura o *status quo*”². O aceleracionismo, portanto, não busca desacelerar os processos de produção do capitalismo, tampouco espera que este se desintegre a partir de suas contradições internas, muito menos aspira que o homem possa ressoar e encontrar a *eudaimonia* em um mundo acelerado. Pelo contrário, essa “heresia política” de caráter niilista advoga pelo desenvolvimento exponencial e acelerado das forças tecnocientíficas do capitalismo, que definem tanto os modos de produção como as relações sociais em constante evolução, com o objetivo de acelerar o seu colapso³. Trata-se de um movimento político e filosófico que enfatiza uma “destruição criativa” onde “[e]m lugar da sociedade justa, gerada por meio da luta, é a aceleração que se torna veículo de uma redenção desencantada”⁴.

Na esteira de Benjamin Noys, Alejandro Mardones⁵ sinaliza em “Máquinas e potencialidades para liberar o discurso aceleracionista” que esse movimento pode ser dividido em três etapas sucessivas: i) o pós-estruturalismo francês centrado no questionamento a partir da libido em autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari, Jean-François Lyotard e Jean Baudrillard; ii) o pensamento filosófico de Nick Land, e, finalmente; iii) uma série de textos recompilados na antologia *#Accelerate: The*

¹ Para as citações das obras publicadas de F. Nietzsche, utiliza-se a edição dirigida por Diego Sánchez Meca das *Obras completas Vol. III e IV*. Similarmente, para as citações dos fragmentos póstumos se utiliza a edição dirigida por Diego Sánchez Meca dos *Fragmentos póstumos Vol. I, III e IV*. Para as citações correspondentes em alemão, utilizou-se a *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe* a cargo de Paolo D’Iorio baseado na edição crítica por G. Colli e M. Montinari. [N.A.]. As traduções espanholas realizadas pelo autor foram substituídas por traduções brasileiras consolidadas feitas por Rubens Rodrigues Torres Filho e Paulo César de Souza, que por sua vez serão referenciadas quando utilizadas. Em casos em que não houver edições consolidadas, as traduções serão feitas pelo tradutor do artigo, sendo indicadas como “tradução de CLVMG”. [N.T.].

² Rosa, 2016, p. 105; Rosa, 2019, p. 28.

³ Mackey; Avanesian, 2014, p.4; Land, 2017.

⁴ Noys, 2014, p. 9.

⁵ Cf. Mardones, 2025, p. 267

accelerationist reader (2014) marcados por uma divisão entre um aceleracionismo de esquerda (L/acc) e um aceleracionismo de direita (R/acc)⁶. Segundo essa divisão “[a] primeira etapa coloca o problema em questão, o que dá origem a uma interpretação radical e hipercapitalista da segunda, processo que culminaria numa reação mais conservadora na terceira”⁷. Todavia, Marcondes acrescenta que essa interpretação unívoca depende uma narrativa linear em que o aceleracionismo se torna um “saber submetido” ou “ingênuo” que “limita as potencialidades dos textos fundacionais a uma única leitura problemática”, “impedindo uma leitura emancipatória e crítica do capitalismo”⁸.

Para poder repensar as possibilidades autênticas do duplo movimento de imanência e transcendência descrito por Noys⁹, segundo o qual é necessário mergulhar nos processos alienantes do capitalismo para depois os superar, seria necessário recorrer, através do método genealógico, a um encontro direto com as principais correntes que possibilitam as múltiplas ondas aceleracionista: as filosofias de Karl Marx e Friedrich Nietzsche. No entanto, existe uma diferença substancial no emprego de suas ideais dentro da tendência aceleracionista, pois, se Marx é citado de maneira direta (por exemplo, a partir de seu “Fragmento sobre as máquinas”, não ocorre o mesmo com Nietzsche, cujo fragmento é frequentemente citado indiretamente, desprezando, assim, a fonte primária. A referência a filosofia de Nietzsche aparece constantemente mediada pela interpretação de Deleuze e Guattari, na nona seção do terceiro capítulo d’*O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia* (1972), titulada “A máquina capitalista civilizada”, onde nos diz:

Mas que caminho revolucionário existe, se é que existe algum? — Retirar-se do mercado mundial, como aconselha Samir Amin aos países do Terceiro Mundo, numa curiosa renovação da “solução econômica” fascista? Ou seguir na direção oposta? Ou seja, ir ainda mais longe no movimento do mercado, da descodificação e da desterritorialização? Pois talvez os fluxos ainda não estejam suficientemente desterritorializados, suficientemente descodificados, do ponto de vista de uma teoria e de uma prática dos fluxos de alto nível esquizofrênico. Não se retirar do processo, mas ir mais longe, “acelerar o processo”, como dizia Nietzsche: na verdade, nesta matéria ainda não vimos nada¹⁰.

Neste contexto, o coletivo de investigadores independentes chamado *Obsolete Capitalism* apresentou na editora Rizosfera uma série de livros dedicada à filosofia aceleracionista, com ênfase no pensamento de autores como Nietzsche, Klossowski,

⁶ Land (2017) propõe frente a essas correntes aceleracionista um “aceleracionismo universal” (U/acc).

⁷ Marcondes, 2025, p. 268.

⁸ Marcondes, 2025, pp. 267-268.

⁹ Noys, 2014, pp. 7-8.

¹⁰ Deleuze; Guattari, 1972, p. 247.

Bataille, Deleuze, Guattari, Foucault e Lyotard. O primeiro livro da série, titulado *Nietzsche's accelerationist fragmente in Deleuze and Guattari's Anti-Oedipus* é, sobretudo, um trabalho de caráter filológico em que se rastreia a passagem aceleracionista de Nietzsche citado por Deleuze e Guattari no *Anti-Édipo*. O coletivo de autores desse artigo identificou que a passagem citada é um aforismo d'*A Vontade de Potência* cujo equivalente é, na edição de Colli-Montinari, o fragmento póstumo 1887 9[153]¹¹. Nesse trecho, intitulado *Os fortes do futuro*, o filósofo de Röcken sustenta que: “[o] nivelamento do homem europeu é o grande processo que não pode ser travado: deveria, pelo contrário, acelerá-lo.” (NF/FP 1887, 9[153], KSA 12.425, tradução de CLVMG).

Apesar de que a passagem citada seja peça central do aceleracionismo, precisa de interpretações elaboradas dentro desse movimento. As interpretações escassas que podem ser encontradas sobre esse fragmento, em geral, citam a passagem colocando a ênfase na frase “acelerar o processo”, mas, em poucas ocasiões, levam em consideração o contexto em que esta frase é proferida e o sentido que o próprio Nietzsche busca dá-la dentro de sua filosofia. Por outra parte, aquelas interpretações mais elaboradas — que, embora por sua amplitude, poderiam ser reinterpretadas dentro da proposta aceleracionista — são levadas a cabo em um contexto mais amplo que ultrapassa a esfera de influência desse pensamento. Entre elas, por exemplo, encontram-se as de Pierre Klossowski em *Nietzsche et le cercle vicieux* (1969) e Tracy B. Strong em *Friedrich Nietzsche and the politics of transfiguration* (1975).

Tendo essas circunstâncias em mente, propomo-nos como objetivo examinar de maneira crítica e contextualizada a passagem “aceleracionista” de Nietzsche sem perder de vista as interpretações mencionadas, não apenas para avaliar a consistência de seu pensamento com as correntes aceleracionista, mas também, sobretudo, para trazer à luz suas possibilidades emancipadoras. Como destaca Óscar Quejido Alonso em *La construcción relacional de la subjetividade em Nietzsche: hacia nuevas perspectivas políticas*:

Ainda que seja verdade que Nietzsche não se referiu à elevação do tipo humano em termos de emancipação, não é menos verdade que a profundidade, a pertinência e a radicalidade das suas críticas ao modelo político vigente, bem como as novas perspectivas que a sua filosofia assumiu, fazem dele uma referência fundamental das mais diversas teorias políticas atuais, tanto na crítica aos mecanismos de dominação como às diferentes formas que a emancipação pode assumir.¹²

¹¹ *Obsolete Capitalism*, 2015, pp. 14-15.

¹² Quejido Alonso, 2016, p. 284.

Tendo esse objetivo em mente, realizamos, em primeiro lugar, uma contextualização da passagem a partir das obras da maturidade e dos fragmentos póstumos de 1873-1888. Em seguida, oferecemos uma interpretação tomando como ponto de partida algumas indicações de Klossowski e Strong. Por fim, como parte dessa interpretação, aludimos ao vínculo entre a aceleração e a vontade de potência, assim como a capacidade emancipadora do aceleracionismo de Nietzsche.

2. Contexto filológico do fragmento aceleracionista

O fragmento póstumo titulado *Os fortes do futuro* se encontra nas páginas 27 e 28 do caderno W II 1 de outono de 1887. Trata-se de um caderno composto por 142 páginas pautadas, quase completamente escritas, trabalhando da parte de trás do caderno em direção à frente (DFGA W II 1). Este caderno foi redigido por Nietzsche durante as suas estadias em Veneza e Nice, e contém planos, esboços e aforismos que datam do período em que pensava escrever uma obra intitulada “A transvaloração de todos os valores” (DFGA W II 1). A grande maioria dos aforismos foram numerados por Nietzsche, de forma quase contínua do 1 ao 136. As anotações do caderno datam do outono de 1887, com revisões parciais realizadas durante o verão de 1888. Durante esse período, Nietzsche trabalhava em conjunto com Heinrich Köselitz (Peter Gast) na redação de *A genealogia da moral*. Recebeu também a primeira carta do crítico literário e ativista dinamarquês Georg Brandes, que interpretou a sua filosofia como um *Radicalismo aristocrático*.

O título do fragmento póstumo 9[153] aparece inicialmente como o capítulo sete dentro de um plano esboçado para uma obra composta por doze capítulos titulada *Tratados* (NF/FP 1887, 9[95], KSA 12.388). Posteriormente figura como parte de outro plano esboçado no caderno W II 4 durante o início de 1888 para uma obra não nomeada composta de 372 aforismos divididos entre quatro livros e doze capítulos, figurando nele como o aforismo número 105 do quarto livro (NF/FP 1887, 12[1], 12[2], KSA 13.195-13.211). Por fim, a passagem figura como parte da *Vontade de potência: ensaio de uma transvaloração de todos os valores*, a qual não é uma obra finalizada de Nietzsche, sendo uma compilação de várias seções baseadas nas notas do período que vai de 1883 até 1888, selecionadas e ordenadas de acordo com os critérios dos editores do Arquivo Nietzsche: Elisabeth-Förster Nietzsche e Heinrich Köselitz (Peter Gast). O fragmento póstumo em

questão aparece em algumas edições como o aforismo 672 e em outras como o aforismo 898 (Nietzsche, 1917; Nietzsche, 1921, pp. 305-307).

A nota póstuma é composta por um total de nove parágrafos, nos quais os são abordados temas como a educação, o nivelamento, a hierarquia, a aceleração, a justificação e uma *espécie superior* e a própria identidade dos fortes do futuro. Se se compara a edição do texto de *Colli-Mortinari* com os manuscritos fac-símiles da edição digital e com as transcrições diferenciadas do sexto tomo do nono volume da *Kritische Gesamtausgabe*, quase não existem diferenças substanciais no texto. É um texto íntegro, escrito em tinta preta com a própria letra de Nietzsche com apenas três modificações na página 28: dois de conteúdo nas linhas 16 e 19, e um de caráter ortográfico na linha 14 (KG W IX 6). No contexto do *corpus nietzscheano*, o texto guarda uma relação de continuidade com *MA Vorwort 2*, *FW 382*, *JGB 203*, *262* e *GM II 24*, bem como uma série de reflexões reunidas principalmente nos fragmentos póstumos de 1880-1888.

3. Contexto filosófico do fragmento aceleracionista

O conteúdo do fragmento póstumo 9[153] é o seguinte:

Os fortes do futuro.

O que, em parte, a adversidade, em parte o acaso alcançaram aqui e ali, as circunstâncias para o cultivo de um tipo mais *forte*: isso é, que podemos compreender e *desejar* conscientemente: nós podemos criar as circunstâncias para tornar tal elevação possível.

Até então, a “educação” tinha em vista o benefício da sociedade: *não* o benefício mais provável do futuro, mas o benefício da sociedade tal qual ela existe no presente. Buscavam-se “ferramentas” para ela. Presumindo que *a riqueza de forças fosse maior*, assim seria possível imaginar uma *retirada de forças*, cujo objetivo *não* fosse o benefício da sociedade presente, mas um benefício futuro.

— Essa tarefa se tornaria ainda mais urgente à medida que se compreendesse até que ponto a forma atual da sociedade estaria passando por uma profunda

transformação, a ponto de, em algum momento, *não poder mais existir por si mesma*: mas apenas enquanto um *meio* de uma raça mais forte.

O progressivo apequenamento do homem é justamente a força motriz que leva a pensar no cultivo de uma *raça mais forte*: uma raça cuja superioridade residira precisamente naquilo em que a espécie apequenada se tornaria cada vez mais fraca (vontade, responsabilidade, autoconfiança, capacidade-de-estabelecer-objetivos).

Os meios seriam os que a história nos ensina: o isolamento por causa de interesse de preservação dos opostos aos que prevaleceram hoje; a prática de apreciação de valores opostos; a distância como *páthos*; a consciência livre no que hoje é mais desvalorizado e proibido.

O *nivelamento* do homem europeu é o grande processo que não pode ser travado: deveria, pelo contrário, acelerá-lo.

A necessidade de uma *ruptura de um fosso, de distância e de uma hierarquia* está, portanto, estabelecida: não se trata de retardar esse processo.

Essa espécie *nivelada* requerer uma *justificativa* assim que é alcançada: ela está a serviço de uma raça superior e soberana, que se apoia nela e só sobre ela pode se ascender e cumprir sua missão.

Não é apenas uma raça senhorial, cuja missão se esgotava em governar; senão uma raça com uma *esfera de vida própria*, com um excesso de força para a beleza, a bravura, a cultura e os bons modos até o mais espiritual; uma raça *afirmativa*, que pode se permitir todos os grandes luxos..., forte o suficiente para não precisar da tirania do imperativo da virtude, rica o suficiente para não precisar da parcimônia e da pedantice, além do bem e do mal; uma estufa para plantas extraordinárias e exclusivas. (NF/FP 1887 9[153], KSA 12.424-6, tradução de CLVMG).

Quanto ao título do fragmento, “*Os fortes do futuro*” alude ao futuro de “*uma raça mais forte*”, capaz de revitalizar a esfera da vida moral mediante a criação de novos valores. Ele mantém uma estreita relação com o segundo aforismo do prólogo de *Humano, demasiado humano I*, onde escreve sobre acelerar a chegada dos “camaradas alegres e temerários” chamados “espíritos livres” (MA/HH I Prefácio 2, KSA 2.15). De igual modo, mantém uma estreita relação com o aforismo 24 do segundo tratado d’*A genealogia da moral*, onde Nietzsche anuncia a chegada do “homem do futuro”, “que

devolve à terra sua finalidade e ao homem sua esperança” (GM/GM II, 24, KSA 5.336).¹³ Por vezes, Nietzsche se refere de forma abreviada a esses homens como fortes (*Die Stärken*), os poderosos (*Die Mächtigen*) ou os de boa constituição (*Wohlgerathenen*) na medida em que encarnam a *Grande Saúde*: “o ideal de bem-estar e bem-querer humano-sobre-humano” (FW/GC 382, KSA 3.637)¹⁴. Por isso, eles se opõem, como sua contraparte, à figura do *sacerdote*, que — entre outras coisas — empreende “a peleja contra os grandes homens, justificada por motivações econômicas”, adoecendo, por meio da manipulação e do envenenamento ideológico, “o homem bom”, fazendo com que este conspire contra seus próprios interesses ao rejeitar grande parte da riqueza (NF/FP 1887, 9[137], KSA 12.413; NF/FP 1888, 23[5], KSA 13.639, tradução de CLVMG).

Em relação ao conteúdo, a nota póstuma começa por salientar que as condições sob as quais surge “*uma raça mais forte*” já não dependem da necessidade ou do acaso, mas que “podemos compreender e *desejar* conscientemente: nós podemos criar as circunstâncias para tornar tal elevação possível.” (NF/FP 1887, 9[153] KSA 12.424, tradução de CLVMG). Essas novas condições alteram a “educação” enquanto formação instrumental, cuja finalidade consiste em conservar a estrutura social existente no presente em detrimento de seus possíveis cursos futuros de autodesenvolvimento. De acordo com Klossowski (1969, pp. 241-242) “o mecanismo econômico da exploração (desenvolvido pela ciência e pela economia) decompõe sua estrutura institucional em um conjunto de meios”. Daí decorre, entre outras coisas, “que a sociedade já não poderia mais formar seus membros como ‘instrumentos’ para seus próprios fins, a partir do momento em que ela própria se tornou instrumento de um mecanismo”¹⁵. No entanto, a partir da tomada de consciência do horizonte de fins das formações possíveis, bem como dos meios para alcançar tais fins, abre-se o caminho que conduz a própria sociedade a “...uma forte transformação, para algum dia, *não poder mais existir em virtude de si mesma*: mas apenas ainda como *meio* nas mãos de uma raça mais forte” (NF/FP 1887, 9[153], KSA 12.425, tradução de CLVMG). A tarefa de Nietzsche consiste, portanto, em uma transvaloração entre os *meios* e os *fins* formativos da sociedade moderna, o que possibilita sua reorientação em função do futuro do ser humano.

¹³ NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. [N.T.].

¹⁴ NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência* (“*la gaya scienza*”), Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. [N.T.].

¹⁵ Klossowski, 1969, p. 242.

O pressuposto filosófico a partir do qual Nietzsche dá início a essa tarefa é o seguinte: existe uma *reserva de riqueza* suficientemente ampla para permitir a *retirada de forças* da sociedade e empregá-las em benefício do futuro. Trata-se, assim, de uma transferência das forças volitivas dentro de um processo de retroalimentação em que a sociedade figura como entrada (*input*) e o homem do futuro ou super-homem figura como saída (*output*). Nesse processo, a hiperstição do super-homem surge em contramão, encarnando-se no presente enquanto forças acumuladas (*a mais-valia*), produto da mão de obra humana e constitutivo da taxa de crescimento do capital acumulado, aguarda para ser liberado em função do futuro prometido¹⁶. Como destaca Tracy B. Strong¹⁷, para Nietzsche, assim como para Marx, as probabilidades de que ocorra uma mudança social são exponencialmente maiores nas sociedades industriais avançadas, enquanto nas sociedades que se afastam do caminho da democratização, ou que escapam às correntes de desenvolvimento ocidentais, há menos probabilidades de realizar experimentações formativas conscientes.

Não obstante, Strong sublinha que existe uma diferença fundamental entre Nietzsche e Marx, a saber: “[a] revolução não implica, para Nietzsche, como implicava para Marx, a transvaloração”¹⁸. Por outro lado, como aponta Strong, a transvaloração entendida como “...a luta pelo domínio da terra deve ocorrer no momento oportuno — quando existir um grupo de homens novos capaz de reconstruí-la novamente... uma vez que as tentativas de avançar para a revolução final são particularmente perigosas”¹⁹. Em contrapartida, como o próprio Nietzsche ressalta, a transvaloração das forças depende do “crescente apequenamento do homem” o qual é “justamente a força motriz que leva a pensar no cultivo de uma *raça mais forte*” (NF/FP 1887, 9[153], KSA 12.424 tradução de CLVMG). Nesse grande processo, a “*espécie* apequenada” iria se tornando fraca em seus múltiplos aspectos: “vontade, responsabilidade, autoconfiança, capacidade-de-estabelecer-objetivos.” (NF/FP 1887, 9[153], KSA 12.425, tradução de CLVMG). O braço da tecnociência iria reduzindo as capacidades psíquicas do homem de forma unilateral, equiparando, eventualmente, o espírito a uma racionalidade material e instrumental, na qual o sujeito moderno atuaria indistintamente como uma engrenagem desprovida de propósito próprio e exercendo seu único movimento em *prol* da

¹⁶ “Hiperstição” é um termo cunhado por Nick Land que designa “...aquelas produções semióticas que se tornam reais a si mesmas” (Land, 2025, p. 579).

¹⁷ Strong, 1975, p. 215.

¹⁸ Strong, 1975, p. 212.

¹⁹ Strong, 1975, p. 211, tradução nossa, com modificações.

“administração econômica global”: “[e]m termos morais, toda essa maquinaria, a solidariedade entre as engrenagens, representam o *maximum da exploração do homem*” (GM/GM III 9, KSA 5.357; NF/FP 1887, 10 [11], KSA 12.460; NF/FP 1887, 10[17], KSA 12.462, tradução de CLVMG). No entanto, como esse movimento carece de um fim — já que o fim se tornou um meio —, ocorre que as forças de trabalho desprovidas de propósito, em vez de aumentar a taxa de crescimento, produzem o contrário, e “*os gatos de todos se somam a uma perda global*” — pois, pensado a partir da economia da alma dirigida pela classe sacerdotal, aumentam a “colonização espiritual” por meio da dependência das máquinas (NF/FP 1887, 10[17], KSA 12.462; FW/GC 23, KSA 3.357).

Porém, nesse movimento coexiste uma contradição interna, *um contramovimento*, pois o trabalho morto que constitui o capital cristalizado, “*uma secreção de um esbanjamento de luxo da humanidade*”, contém o acúmulo de forças que devem possibilitar um tipo de vida com fins opostos (NF/FP 1887, 10[17], KSA 12.462, tradução de CLVMG). Trata-se de uma potência interna que, uma vez que é conscientemente desejada como fim, contém a própria possibilidade de inverter os códigos morais da colonização espiritual para alcançar uma descolonização libertadora. Se para isso é indispensável a colonização das faculdades do espírito puro, ou seja, do espírito platônico-cristão, por meio de seu nivelamento e apequenamento, é apenas porque, ao acabar com a noção de espírito existente até então, o homem fica livre para experimentar novas formas de espiritualidade que lhe permitam repensar sua natureza individual, social e sua relação com o entorno. O desmoronamento dos fundamentos do atomismo psíquico por meio da conquista ou colonização dos domínios do espírito pela via do materialismo (mecanização inteligente) resulta em algo útil para Nietzsche, na medida em que é capaz de desativar a fundamentação metafísica dos valores morais sacerdotais que administram a economia psíquica do homem a partir do espaço incondicional da razão pura prática.

Nesse sentido, Nietzsche afirma que “[o] *nivelamento* do homem europeu é o grande processo que não pode ser travado [*hemmen*]: deveria, pelo contrário, acelerá-lo [*beschleunigen*]” (NF/FP 1887, 9[153], KSA 12.425, tradução de CLVMG). Os termos “impedir” e “acelerar”, apesar de ambos pertencerem à linguagem da física, são recodificados semanticamente em um contexto moral. Nietzsche afirma que a moral busca “inibir [*hemmen*] ou avassalar [*vernichten*] aquele faustoso desenvolvimento que já estava em curso.” (NF/FP 1886, 5[98], KSA 12.225, tradução de CLVMG). Por isso, qualquer tentativa de liberação deve situar-se fora da própria moral. Por outro lado, todo tipo de paralisia ou tentativa de retrocesso resulta contraproducente porque é, no fundo,

impossível realizar. Para Nietzsche, não é possível nenhum tipo de involução, ou seja, “nenhuma volta atrás, em qualquer sentido e grau” (GD/CI Streifzuege 43²⁰, KSA 6.144; NF/FP 1888, 15[97], KSA 13.463). O processo evolutivo pode ser obstruído, o que torna “a própria degeneração, mais veemente e mais súbita”, mas não pode ser revertido (GD/CI Streifzuege 43, KSA 6.144, tradução de RRTF adaptada). Por isso, não há outra saída a não ser seguir em frente “*avançar passo a passo para a decadence*” (GD/CI Streifzuege 43, KSA 6.144, tradução de RRTF). Para Nietzsche, o contramovimento só pode ocorrer em uma direção. Qualquer tentativa de obstruir o processo (o que Nietzsche chama de “moral do caranguejo”) equivale a um retrocesso, uma pausa que retira forças da transvaloração social.

Por outra parte, temos o termo “acelerar”²¹. O próprio Nietzsche desenvolveu, como parte de sua teoria do movimento, uma concepção da aceleração descrita a partir de sua teoria dos pontos temporais, por meio da qual explica o movimento como um efeito da “*actio in distans temporis punctum*”, ou seja, a ação à distância para um ponto no tempo²². De acordo com Nietzsche, “rápido, devagar etc., em todo esse tipo de efeito. Quer dizer, as forças, como funções do tempo, manifestam-se na relação entre instantes próximos ou distantes, ou seja, rápido ou devagar. A força reside no grau de aceleração” (NF/FP 1873, 26[12], KSA 7.575, tradução de CLVMG). A análise genealógica permite a Nietzsche rastrear as velocidades enquanto sintomas da vontade de potência e estabelecer um questionamento crítico para determinar quais são os meios necessários

²⁰ NIETZSCHE, F. *Obras Incompletas*. Col. “Os Pensadores”. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1974. [N.T.].

²¹ De acordo com os mecanismos de busca do *Nietzsche Source*, a palavra “*beschleunigt*” (acelerado) aparece 15 vezes, “*Beschleunigung*” (aceleração) 14 vezes, “*beschleunigen*” (acelerar) 9 vezes, “*beschleunigtes*” e “*beschleunigte*” (acelerado [adjetivo]) 3 e 2 vezes, respectivamente. No total, encontramos esse conceito empregado no *corpus nietzscheano* como substantivo, verbo ou adjetivo cerca de 43 vezes. Neles, Nietzsche fala de aceleração no contexto vital, fisiológico, musical, adaptativo, entre outros (MA 282; NF 1881 11[274]; WS 331; NF 1888 17[1]; FW-368; WA-Nachschrift2). Não obstante, como aponta o coletivo de pesquisadores *Obsolete Capitalism*, o contexto em que Nietzsche emprega o termo “*beschleunigen*” derivado do mundo da física e do significado literal “acelerar algo facilitando seu curso” (*Obsolete Capitalism*, 2015, p. 15).

²² A teoria de Nietzsche não deve ser entendida, no entanto, como uma reformulação das leis físicas, mas como uma transvaloração dos dogmas intelectuais com os quais interpretamos o mundo. Nesse sentido, a proposta de Nietzsche é consistente com a atual inversão das categorias de tempo e espaço vivida nas sociedades modernas aceleradas, onde como aponta o sociólogo e filósofo Hartmut Rosa, “...a prioridade ‘natural’ (antropológica) do espaço sobre o tempo na percepção humana — que está enraizada em nossos órgãos dos sentidos e nos efeitos da gravidade, permitindo a distinção imediata entre ‘acima’ e ‘abaixo’, ‘à frente’ e ‘atrás’, mas não entre ‘antes’ ou ‘depois’ — parece ter-se invertido” (Rosa 2016, p. 23). As experiências fenomenológicas modernas da aceleração, como a “contração do presente” e a “fome do tempo”, são *sintomas* do aumento de forças, e, por isso, justamente, devem ser aceleradas. A análise genealógica permite a Nietzsche rastrear as velocidades e determinar quais são os meios para realizar sua transvaloração.

para realizar sua transvaloração²³. Tal análise leva Nietzsche a afirmar que “[A] necessidade de uma *ruptura de um fosso, de distância e de uma hierarquia* está, portanto, estabelecida: não se trata de retardar esse processo.” (NF/FP 1887, 9[153], KSA 12.425, tradução de CLVMG). Os *meios* para levar adiante o contramovimento acelerador são: i) o *isolamento* com base em princípios de conservação inversos aos atuais; ii) a prática de uma avaliação valorativa inversa; iii) a prática do distanciamento como *páthos*, e; iv) uma consciência livre em torno do subestimado e do proibido. De maneira geral, esses meios para novos fins são os componentes essenciais da “prerrogativa da maestria do espírito livre”, a *Grande Saúde* “que não pode prescindir da própria doença como meio e isca do conhecimento”, cujo sinal é “esse excesso de forças plásticas capazes de curar profundamente, reproduzir e reconstruir” o futuro (MA/HH I Prefácio 4, KSA 2.18). A economia das forças é concebida dentro das possibilidades de encurtamento da ação temporal à distância, capaz de produzir um novo espírito livre e libertador que deverá coordenar as metas e as condições de vida humanas do futuro.

O processo de inversão e transvaloração requer, por sua vez, uma justificativa. Essa justificativa reside, para Nietzsche, no fato de que o processo de nivelamento consciente desejado é o que possibilita paradoxalmente, “se apoia nela e só sobre ela pode se ascender e cumprir sua missão.” (NF/FP 1887, 9[153], KSA 12.426, tradução de CLVMG). Nesse sentido, a justificativa da educação instrumental ajustada para um fim futuro colocaria a sociedade diante do ideal do espírito livre e libertador que encarna as possibilidades de um tipo de vida distinto. O processo de libertação espiritual permite o surgimento do homem do futuro que encarna uma forma de vida inovadora que deve ser “forte o suficiente para não precisar da tirania do imperativo da virtude, rica o suficiente para não precisar da parcimônia e da pedantice, além do bem e do mal” (NF/FP 1887, 9[153], KSA 12.426, tradução de CLVMG). No entanto, isso não significa que careçam de virtude em um sentido absoluto. Como Nietzsche sinaliza em *O Anticristo*, trata-se de desenvolver uma virtude extramoral, ou seja, uma “virtude à maneira da Renascença, *virtú*, virtude isenta de moralina” (AC/AC 2, KSA 6.170)²⁴. Essa virtude se oporia à justificativa econômica das “*virtudes da máquina*”, ancoradas na obediência, transformando o dever entendido como compromisso deontológico com o próximo presente, no querer entendido como compromisso volitivo e inconsciente com o homem

²³ Metcalf 2012, p.11.

²⁴ NIETZSCHE, F. *O Anticristo*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

distante do futuro (NF/FP 1887, 10[11], KSA 12.460; GD Streifzuege 29, KSA 6.129). Os fortes do futuro, os “novos, sem nome”, são a encarnação daquele “anticristo e antiniilista”, pois a meta do Renascimento, sua *vitória*, nos diz Nietzsche, é a vitória sobre o cristianismo: “[a] transvaloração dos valores cristãos” (FW/GC 382, KSA 3.636; GM/GM II 24, KSA 5.335; NF/FP 1888, 22[9], KSA 13.587; AC/AC 61, KSA 6.250). Por isso, o aceleracionismo de Nietzsche — seja humano, sobre-humano ou desumano — é, antes de tudo, um aceleracionismo renascentista.

4. *Conclusão*

O fragmento póstumo 9[153] revela uma coerência interna com a produção literária de Nietzsche, desde sua juventude até sua maturidade. Os múltiplos planos elaborados por Nietzsche ao longo de 1887 permitem-nos situar o trecho em relação a outras ideias da época, possibilitando assim uma compreensão mais ampla. A própria estrutura do trecho também facilita uma análise do conteúdo com base nos eixos temáticos presentes nos parágrafos. Uma interpretação contextualizada nos permite compreender que, embora Nietzsche favoreça a aceleração como meio, ele não defende como fim último uma filosofia estritamente aceleracionista. A aceleração é apenas um meio para libertação da vontade e a emancipação das condições alienantes do capitalismo (as virtudes da máquina). Nesse contexto, o fragmento se articula com a tarefa educativa e formativa de Nietzsche ligada ao renascimento da liberdade extramoralista da Antiguidade. Por outra parte, a aceleração, dentro da filosofia de Nietzsche, mantém uma estreita relação com sua teoria do tempo, a qual permite a análise genealógica das velocidades, bem como das mudanças a partir do horizonte da vontade de potência.

Who are “The strong of the future”? Rethinking Nietzsche’s philosophy from the accelerationist matrix

Abstract: Nietzsche’s posthumous fragment entitled “The Strong of the Future” constitute one of the two fundamental texts of the philosophical current called accelerationism (being the other text Karl Marx’s “Fragment on Machines”). However, even though Nietzsche’s posthumous fragment is a fundamental text of accelerationism,

it lacks elaborated interpretations within this movement. Considering these circumstances, it is proposed to examine critically the content of this fragment with the objective of offering a contextualized interpretation that allows to extract from its lecture a series of perspectives that highlight its emancipatory potential.

Keywords: Nietzsche, accelerationism, modernity, emancipation, time, will to power

Declaração de uso de IA

O autor declara utilizar ferramentas de inteligência generativa exclusivamente para apoio na revisão textual, incluindo sugestões de clareza, coesão e organização da escrita. As decisões conceituais, metodológicas e interpretativas são de responsabilidade do autor do artigo.

Declaração de contribuição dos autores

Michael Román Aponte: conceitualização, redação do manuscrito original, redação - revisão e edição.

Declaração de financiamento

Não houve financiamento.

Declaração de disponibilidade de dados da Pesquisa

O autor afirma que o artigo publicado no SciELO Preprints procede à revisão bibliográfica enquanto método de pesquisa que analisa e sintetiza informações existentes, especialmente, em livros e artigos científicos sobre a filosofia de Nietzsche, objetivando identificar conceitos-chave, teorias relevantes, lacunas na literatura existente e propor interpretações originais acerca do pensamento do filósofo. Os dados concernentes ao artigo constam nas referências bibliográficas no final de cada texto, detalhando a procedência em notas de fim de página, disponibilizando assim todo o material utilizado na pesquisa.

Conflito de interesses

O autor declara que o artigo publicado no SciELO Preprints não apresenta conflito de interesses de ordem pessoal, comercial, acadêmica ou financeira que possa comprometer a objetividade e a integridade dos resultados da pesquisa publicada como artigo científico no SciELO Preprints.

Referências

- ARBEITSHEFT W II 1. Teil 1. In: BAND 6: Arbeitshefte W II 1 und W II 2. Berlin; Boston: De Gruyter, 2006, p. 1–74. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110896534.1>.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *El Anti-Edipo: capitalismo y esquizofrenia*. Barcelona: Paidós, 1985.
- KLOSSOWSKI, P. *Nietzsche et le cercle vicieux*. Paris: Mercure de France, 1969.
- LAND, N. *Fanged noumena: collected writings 1987–2007*. Falmouth: Urbanomic; Sequence Press, 2011.
- LAND, N. *A quick-and-dirty introduction to accelerationism*. In: *Jacobin*, 25 maio 2017.em: <https://web.archive.org/web/20180113012817/https://jacobitemag.com/2017/05/25/a-quick-and-dirty-introduction-to-accelerationism/>.
- MACKAY, R; AVANESSIAN, A. (orgs.). *#Accelerate: the accelerationist reader*. Falmouth: Urbanomic, 2014.
- MARDONES, A. Máquinas y potencialidades para liberar el discurso aceleracionista. In: *Teknokultura: Revista de Cultura Digital y Movimientos Sociales*, v. 22, n. 2, p. 267–274, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5209/tekn.98509>.
- METCALF, S. Introduction: Even when the heart bleeds. In: NIETZSCHE, F (org.). *Hammer of the gods: apocalyptic texts for the criminally insane*. [S.l.]: Sun Vision Press, 2012.
- NIETZSCHE, F. *Nietzsches Werke*. Zweite Abteilung, Band XVI. Stuttgart: A. Kröner, 1921.
- NIETZSCHE, F. *Digitale kritische Gesamtausgabe*. Ed. Paolo D'Iorio. 2009. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>.
- NIETZSCHE, F. *Digitale Faksimile Gesamtausgabe nach den Originalmanuskripten und Originaldrucken der Bestände der Klassik Stiftung Weimar*. Ed. Paolo D'Iorio. 2009–. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/DFGA/W-II-1,27et28>.
- NIETZSCHE, F. *Der Wille zur Macht: eine Auslegung alles Geschehens*. Ed. Max Brahn. [S.l.]: Project Gutenberg, 2019. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/60360/pg60360-images.html>.
- NIETZSCHE, F. *Fragmentos póstumos (1885–1889)*. Vol. 4. Ed. Diego Sánchez Meca. Trad. J. L. Vermal; J. B. Llinares. Madrid: Editorial Tecnos, 2008.

NIETZSCHE, F. *Fragmentos póstumos (1869–1874)*. Vol. 1. 2. ed. corr. e ampl. Ed. Diego Sánchez Meca. Trad. Luis E. de Santiago Guervós. Madrid: Editorial Tecnos, 2010.

NIETZSCHE, F. *Fragmentos póstumos (1882–1885)*. Vol. 3. Ed. Diego Sánchez Meca. Trad. Diego Sánchez Meca; Jesús Conill Sancho. Madrid: Editorial Tecnos, 2010.

NIETZSCHE, F. *Obras completas*. Vol. 3: Obras de madurez I. Ed. Diego Sánchez Meca. Trad. Jaime Aspiunza et al. Madrid: Tecnos, 2014.

NIETZSCHE, F. *Obras completas*. Vol. 4: Escritos de madurez II y complementos. Ed. Diego Sánchez Meca. Trad. Manuel Barrios Casares et al. Madrid: Tecnos, 2016.

NOYS, B. *The persistence of the negative: a critique of contemporary continental theory*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.

NOYS, Benjamin. *Malign velocities: accelerationism and capitalism*. Winchester: Zero Books, 2014.

OBSOLETE CAPITALISM. *The strong of the future: Nietzsche's accelerationist fragment in Deleuze and Guattari's Anti-Oedipus*. [S.l.]: Rizosfera, 2016.

QUEJIDO ALONSO, Ó. *La construcción relacional de la subjetividad en Nietzsche: hacia nuevas perspectivas políticas*. Tese (Doutorado) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2016.

ROSA, H. *Alienación y aceleración: hacia una teoría crítica de la temporalidad en la modernidad tardía*. Trad. CEIICH-UNAM. Rev. Estefanía Dávila; Maya Aguiluz Ibargüen. Madrid: Katz Editores, 2016.

ROSA, H. *Remedio a la aceleración: ensayos sobre la resonancia*. Barcelona: NED Ediciones, 2019.

STRONG, T. B. *Friedrich Nietzsche and the politics of transfiguration*. Berkeley: University of California Press, 1975.

Enviado:

15/04/2026

Aceito:

05/06/2026

Pareceristas:

Luís de Xavier Rubira

ORCID:<https://orcid.org/0000-0002-8454-8211>

Fernando Barros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1045-4570>

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.